

*Patrimônio urbano,
memória e identidade*
Uma análise sobre a Avenida
Frei Serafim, Teresina – PI



JULIANA SAMARA RODRIGUES LEITE

Arquiteta e Urbanista graduada pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI. Especialista em Patrimônio e Cidade pela Faculdade Evangélica do Meio Norte – FAEME. Desenvolve pesquisas com ênfase em espaço urbano e artes visuais. Ilustradora digital.



MARCELA MACHADO SILVA CASTRO

Arquiteta e Urbanista. Bacharel de Arquitetura pelo Centro Universitário Uninovafapi - UNINOVAFAPI. Designer gráfica e estudante de Desenvolvimento Web.

PATRIMÔNIO URBANO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: Uma análise sobre a Avenida Frei Serafim, Teresina – PI

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar a relação da Avenida Frei Serafim, patrimônio urbano de Teresina-PI com seus habitantes, destacando o espaço urbano como local de memória, identidade e pertencimento. A metodologia utilizada baseou-se na pesquisa qualitativa, em que foram realizadas entrevistas com 91 pessoas pela plataforma Google Forms. O trabalho contou também com a realização de pesquisas bibliográficas sobre os conceitos de memória, identidade, patrimônio cultural urbano e sua preservação. Os resultados apontaram que a comunidade reconhece a importância da Avenida Frei Serafim para a capital e mantém uma relação afetiva com o local por meio de seus cotidianos regados de lembranças. Sendo assim, considerada patrimônio cultural urbano da cidade de Teresina-PI.

Palavras-Chave: Patrimônio urbano. Memória. Identidade. Avenida frei serafim.

1 INTRODUÇÃO

Na obra “A imagem da cidade”, Lynch (1997) apresenta o empirismo existente nas pessoas, relatando como observam o espaço urbano no qual convivem, sendo este um dos fatores motivadores, aqui analisado, de como modelam as cidades. Para Miranda et al (2016), a apropriação do espaço pelo indivíduo acontece quando no vazio citadino identifica-se uma paisagem natural que detenha um aspecto contemplativo. Atrelando aos conceitos abordados, entendeu-se que a relação cidadão-cidade está diretamente ligada a valorização do patrimônio cultural urbano.

A partir disso tem-se que Motta (2000) aponta sobre patrimônio urbano e a importância de valorizar este em função da sua forma, entendida como o resultado daquilo que se produziu culturalmente através da reapropriação do espaço e dos vários significados atribuídos ao longo do tempo, contemplando diferentes interesses e forças em disputa.

A cidade de Teresina, situada no estado do Piauí, foi a primeira capital do Brasil a ser planejada. O desenvolvimento da região foi estimulado, principalmente, pelo desejo de torná-la sede da província, já que por estar próxima ao Rio Parnaíba sua localização favoreceria o comércio fluvial. Assim, Teresina substituiria a cidade de Oeiras, situada no sudoeste do estado, que levava o título até então. O projeto foi composto por uma malha ortogonal de quadras regulares e a construção dos primeiros lotes antevia o crescimento da cidade no sentido Leste, a fim de alcançar o Rio Poti (MIRANDA et al, 2015).

Foi com essa ampliação no sentido leste da capital que surgiu a Avenida Frei Serafim, considerada atualmente uma via de alta relevância para a cidade, sendo um dos principais eixos de ligação entre o centro e a zona leste do município. De início, essa grande via de circulação serve-se como percurso de transporte de areia e argila retirados do Rio Poti para suprir uma cidade com gradativa ocupação populacional e suas construções de todo volume e tipologia, incluindo a construção da Igreja de São Benedito, templo religioso situado na ponta norte da avenida (RODRIGUES, 2020).

A questão principal abordada neste artigo foi entender de que maneira os moradores da cidade de Teresina-PI se relacionam com a Avenida Frei Serafim, no que tange o pertencimento, conexões afetivas e modos de uso. Com as entrevistas, foi possível identificar como essa relação entre cidadão e cidade ganhou forma no espaço urbano estudado.

2 METODOLOGIA

Para a construção dessa pesquisa foi feita uma revisão bibliográfica, de modo a aprofundar o conhecimento estabelecido na relação memória, identidade, patrimônio cultural urbano e preservação do mesmo, visando entender corretamente os conceitos para definir uma conexão entre eles e a Avenida Frei Serafim. Dessa maneira, o referencial teórico foi conduzido de forma a atravessar alguns debates como: a forma como o espaço urbano se relaciona com os moradores, no que tange memória e identidade da comunidade com os autores Chauí (2006) e Halbwachs (1990); uma proposta de discussão sobre preservação do patrimônio cultural urbano em que foram interseccionadas as obras de Pesavento (2020) e Motta (2000); o contexto histórico e social da Avenida Frei Serafim com os autores Matos (2017) e Rodrigues (2020), além da análise de como a Avenida, enquanto patrimônio urbano se relaciona com as pessoas da cidade.

Concomitantemente, foi realizada uma pesquisa de campo, através da plataforma Google Forms, restrito à pessoas que possuem ou já possuíram relação com a avenida. A entrevista contava com perguntas relacionadas à memória e significado da avenida para os participantes, a fim de apreender relatos sobre a vivência e experiências dos mesmos. O questionário aplicado de forma online obteve 91 respostas, englobando 6,6% de pessoas com idade entre 15 e 20 anos, 89% entre 21 e 35 anos e 6,6% com mais de 36 anos.

Para a elaboração da nuvem de palavras, utilizada para análise de uma das perguntas do questionário, foi utilizada a plataforma WordClouds. A análise do gráfico e o questionário, busca entender a relação da avenida com seu corpo social por meio dos seus modos de uso, suas

estruturas urbanas, ambientais e depoimentos dos habitantes da região que contribuíram na identificação da conexão destes com o local.

3 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Para Chauí (2006, p. 138), “a memória é uma evocação do passado”. Dessa forma, entende-se a memória como um canal de recordações, fazendo com que estas existam tanto como lembranças de algo já vivido, como forneçam entendimentos do que existe atualmente, sendo um resultado da evolução do ocorrido no passado.

Chauí (2006, p. 138) descreve o tempo não apenas como “a passagem dos anos”, mas a situações, histórias e acontecimentos vividos que devem ser preservados e nunca esquecidos, como é possível notar quando fala que a memória é “a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total”. A autora analisou ainda que a memória compreende duas dimensões: a pessoal e a introspectiva, sendo esta interior ao sujeito, e a coletiva ou social, que se relaciona à história de uma sociedade ou de um povo, podendo ser materializada por documentos e monumentos, configurando-se assim, em patrimônio.

Halbwachs (1990) destaca que as pessoas possuem dois tipos de memórias: individuais e coletivas. A primeira seria no quadro de sua personalidade ou de sua vida pessoal; A segunda, elas seriam capazes de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para lembrar e manter as lembranças impessoais, ao momento em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS, 1990).

Logo, entende-se que a memória coletiva compreende fatos passados que por conta de sua importância para as pessoas passam a adquirir significados, influenciando a vida em grupo, o que serve de pilar para a reconstrução da memória e suas vivências, histórias e tradições. Apesar de algumas vezes interpretarmos memória como um caso particular, segundo Halbwachs (1990), ela deve ser compreendida também como um fenômeno coletivo e social. E os elementos que constituem a memória, tanto individual quanto coletiva, são inicialmente aqueles episódios ocorridos pessoalmente e aqueles vividos pelo grupo no qual a pessoa se relaciona (POLLAK, 1992).

Segundo Pollak (1992), a memória é essencial na percepção de si e dos outros. Ela acaba por ser resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade. Compreender a constituição da memória é indispensável porque está ligada diretamente à construção de

identidade, assim, pode-se reconhecer os acontecimentos passados e conservar as informações que são importantes preservar, tanto na memória individual quanto na coletiva.

Para Le Goff (2007), a memória acaba por estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Ele aponta também que a “identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva”; a partir do instante em que a sociedade se dispõe a “preservar e divulgar os seus bens culturais” dá-se início ao processo denominado pelo autor como a “construção do ethos cultural e de sua cidadania” (PELEGRINI, 2006, p. 116-117).

O estudo da memória coletiva e social foi utilizado nesta pesquisa para entender sobre como este conceito está interligado à cidade, seus patrimônios e viventes, bem como a reconstrução e preservação da memória de grupos sociais que se utilizam da avenida Frei Serafim. É necessário perceber o patrimônio como algo recebido do passado, vivenciado no presente e transmitido a gerações futuras, quando se entende isto, admite-se “que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos” (PELEGRINI, 2007, p. 3).

4 PATRIMÔNIO URBANO E PRESERVAÇÃO

A cidade é o resultado do entrelaçamento de efemeridades, onde pode-se adotar o que se chama de linguagem urbana, é por meio dela que aprendemos aquelas constantes que modelam o nosso cotidiano. Essas imagens urbanas marcam o cenário da rotina e da identidade urbana, são os adensamentos urbanos, o movimento, os transportes, o tráfego, a verticalização e a vida ali presente naquele espaço (FERRARA, 1990). Compreendendo a cidade assim como expressão de modos de vida, Argan aponta que:

cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação: anota as mínimas mudanças, a nova pintura de uma fachada, o novo letreiro de uma loja; curioso com as mudanças em andamento, olhará pelas frestas de um tapume para ver o que estão fazendo do outro lado; imagina e, portanto, de certa forma projeta, que aquele velho casebre será substituído por um edifício decente, que aquela rua demasiado estreita será alargada, que o trânsito será mais disciplinado ou até mesmo proibido naquele determinado ponto da cidade; lembra –se de como era aquela rua quando menino, a percorria para ir à escola ou quando, mais tarde, por ela passar com a namorada; ou o famoso incêndio, o crime de que falaram todos os jornais. (ARGAN, 1993, p. 233)

A cidade é, assim, um local que ganha novas definições à medida em que são feitas as trocas entre o cidadão e o meio que habita, absorvendo características culturais da população. Os

espaços públicos urbanos, como lugares que concentram um maior número de pessoas, revelam importantes trocas entre as pessoas e o local, transformando a cidade em um ambiente catalisador de experiências, além de um espaço de convivência democrática.

Espaços públicos urbanos podem ser enquadrados como lugares de manifestação da esfera pública e do exercício da cidadania. São ainda locais de prática e realização sociopolítica (ABRAHÃO, 2008). A origem desses locais remonta aos tempos clássicos da antiga Grécia e Roma, a partir da criação da vida em cidades e a instalação dos princípios da democracia, conforme pode ser visto nos estudos de Arendt (2007), onde tem-se a concepção de espaço público intrinsecamente relacionada à vida pública.

Nesse sentido, é necessário trazer o texto do artigo 216, inciso IV da Constituição Federal:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...]

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

A partir disso, percebe-se que a Constituição Federal incluiu no conceito de patrimônio cultural brasileiro as edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, ou seja, os espaços públicos. Logo, os espaços analisados, sendo considerados patrimônio cultural e de livre acesso de todos os cidadãos e entendendo que são as relações sociais, os modos de vida e cotidiano dos cidadãos sendo desenvolvidos no espaço urbano que moldam a cidade é que este artigo discutiu a preservação do patrimônio urbano em estudo.

5 A AVENIDA FREI SERAFIM

5.1 O NASCER DA AVENIDA

Na década de 50, o mestre Isidoro França foi nomeado como secretário de obras da província do Piauí, pelo presidente da região – sediada, até então, em Oeiras – Antônio Saraiva. Após assumir algumas obras e conseguir a confiança do regente, mestre Isidoro, ficou encarregado por substituir a igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo que se localizava nas margens do Rio Parnaíba, próxima ao Rio Poti. No encontro desses dois rios situava-se a Vila Velha do Poti, esta que desde o ano de 1842, requisitava a transição de sua sede para outra localidade, por se encontrar sujeita a inúmeros alagamentos ocasionados por conta de sua proximidade com o rio (VILHENA, 2016).

A solicitação da vila só foi atendida quase uma década depois devido a necessidade de um projeto urbanístico, este que auxiliaria para que o traçado urbano padrão respeitado pelas vilas portuguesas continuasse sendo obedecido, para tal “os prédios da administração pública deveriam ser reconstruídos ao redor, as novas ruas realinhadas e novas casas levantadas” (VILHENA, 2016). O local escolhido para implantar a nova obra, conhecido por Corisco, ficava localizado numa chapada elevada em relação ao Rio Parnaíba e segundo Vilhena (2016), apresentava um “terreno plano, de vegetação rasteira, protegido do regime de águas, apto para receber o arruamento e alinhamento das casas em linhas retas e perpendiculares”.

Assim, aproveitando a construção da nova vila e com o argumento de que era importante para a província do Piauí a utilização do Rio Parnaíba para o transporte de mercadorias – situação, até então difícil de suceder já que a atual capital, Oeiras, ficava distante das bacias – Antônio Saraiva, conseguiu o que já vinha idealizando desde o princípio, a transferência da sede para a Vila do Poti quando esta fosse realocada e estivesse com estrutura adequada para acolher a administração pública. Esse episódio elevou a vila à categoria de cidade, com o nome de Teresina (VILHENA, 2016). Tais informações dispuseram grande significância a atual capital do estado, constatando que a cidade foi a primeira do país a ser planejada e construída para desempenhar o cargo de sede administrativa.

O projeto composto por uma malha ortogonal de quadras regulares e a construção dos seus primeiros lotes antevia o crescimento da cidade sentido Leste, a fim de alcançar o Rio Poti. (MIRANDA et al, 2015). Essa expansão resultou no surgimento da Avenida Frei Serafim, um importante logradouro para a capital, caracterizando-se como um dos principais eixos de ligação entre o centro e a zona leste do município. De início, essa grande via de circulação serve-se como percurso de transporte de areia e argila retirados do Rio Poti (figura 01), de forma a abastecer de materiais uma cidade com gradativa ocupação populacional e suas construções de todo volume e tipologia, incluindo a construção da Igreja de São Benedito, templo religioso situado na ponta norte da avenida (RODRIGUES, 2020).

Figura 1: Avenida Frei Serafim nos anos 40



Fonte: Blog Val – Notícias da Corte (2021)

A avenida foi urbanizada apenas por volta das décadas de 30 e 40 por conta da construção de bangalôs e grandes prédios, contando com a construção de calçadas, do canteiro central, instalação de iluminação pública e o começo do paisagismo da estrada (MATOS, 2011).

5.2 O FLORESCER DA AVENIDA

A partir do século XX, a avenida ascendeu já que agora ela tornava-se parte de uma área nobre da cidade. Nessa época também pode-se considerar um marco a construção do Hospital Getúlio Vargas, contribuindo posteriormente para um polo regional de saúde pública que se edificaria ao seu redor. Nesse momento, a extensão da avenida compreendia da Igreja de São Benedito até o Hospital Getúlio Vargas, apresentando chácaras, sítios e fazendas ao final da estrada (MIRANDA et al, 2016).

No ano de 1950 a avenida Miguel Rosa delimitava o perímetro da cidade por dispor da linha férrea. Dessa forma, de acordo com Nascimento (2002), o crescimento de Teresina se deu de forma concêntrica. Ele afirma que “[...] o anel circular da estrada de ferro alterou a tendência de crescimento original, forçando a formação de estradas radiais [...]”. Nesse período de desenvolvimento pode-se destacar algumas edificações de grande importância para a história da avenida, como o Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ), a Igreja de São Benedito e o Convento de São Benedito (MIRANDA et al, 2016).

Foi com a construção da Ponte Juscelino Kubitschek, em 1957, e a mudança no entorno da avenida que se iniciou o processo de expansão da cidade no sentido leste. Foi nessa conjuntura

que a avenida foi asfaltada e seu entorno recebeu prédios de arquitetura moderna (MIRANDA et al, 2016). Com a modernização da capital percebeu-se a necessidade de urbanização do espaço e foi a partir daí que a avenida começou a sofrer grandes intervenções, tendo as mais radicais ocorrido em 1970, e no ano de 2008 (MATOS, 2017).

Na década de 1970, buscou-se potencializar o espaço e torná-la a “avenida dos sonhos”, utilizando os princípios urbanísticos modernistas. Foi nessa época que a pavimentação em paralelepípedo foi substituída pelo asfalto, realizou-se a pavimentação no canteiro central e nas calçadas com pedra portuguesa, houve a troca da iluminação e execução de espelhos d’água e fontes luminosas. Já no ano de 2008, inspiradas nas Ramblas de Barcelona, as intervenções priorizaram o canteiro central ao cuidar dos jardins e dar atenção às árvores e bancos, de forma a proporcionar o encontro de pessoas. (RODRIGUES, 2020).

Com a criação de espaços de interação pessoal o boulevard estabelece relação com os moradores da cidade, deixando de ser apenas um espaço urbano e arquitetônico, planejado para embelezar a cidade, e torna-se também um espaço de memória e pertencimento com os diversos grupos sociais que a frequentam (figura 02).

Figura 02: Avenida Frei Serafim, 2021



Fonte: Blog B-R-O Bora

O passar do tempo e o surgimento de relevantes intervenções urbanísticas – que por muitas vezes se inspiravam em referências europeias – fizeram com que a arborizada avenida alongasse

e hoje, por fazer parte da história, arquitetura, urbanismo e vida social da capital, a mesma se torna símbolo de reconhecimento para os habitantes.

5.3 O VIVER DA AVENIDA

O processo de expansão da cidade, sentido leste, ocasionou uma evolução urbanística nas décadas de 70 a 90, marcada pela implantação de espaços de grande importância para a cidade, como o Campus da Universidade Federal do Piauí, o Park Potycabana e os Shoppings. As grandes construções feitas nessa época geraram uma forte descentralização na economia de Teresina, além de proporcionar mudanças na morfologia da avenida, como mudanças de usos de edificações já existentes, bem como, nos perfis das pessoas que lá residiam (MIRANDA et al, 2016).

Apesar das alterações aos quais a estrada foi acometida, ao longo dos anos a avenida Frei Serafim estabeleceu relação de grande prestígio com a cidade, caracterizando-se como uma paisagem urbana que se configura como patrimônio urbano, seja como um marco arquitetônico e urbanístico ou como espaço de memória, pertencimento e identidade para a sociedade. Sobre a relação entre tais sentimentos com o patrimônio, Pesavento (2020, p. 14) afirma:

O presente da cidade, [...], é o momento no espaço onde se reabilita o passado da urbs, material e imaterial, para que nelas as pessoas se reconheçam e identifiquem, ancorando suas referências de memória e histórias.

Ademais, a apropriação desse espaço pela sociedade, além de proporcionar histórias e memórias pessoais, garante também ao local uma nova função ao transformá-lo em palco de manifestações políticas e sociais (RODRIGUES, 2020). Por ser uma das principais vias de movimentação, ao interligar as regiões centro e leste da cidade, a sociedade reconhece o logradouro como espaço propício para visibilizar tais ações.

Assim posto, para fundamentar a relação da Avenida Frei Serafim com a memória e identidade da população e garantir a importância do seu reconhecimento como patrimônio urbano da cidade, foi aplicado um questionário a pessoas que possuem ou tiveram alguma relação com o logradouro. Como uma das formas de entender o significado do local para os viventes do espaço citado foi solicitado que estes definissem a avenida em uma palavra. Para analisar as respostas, foi elaborada uma nuvem de palavras (figura 03).

Alguns participantes também relataram de suas adolescências, de como lembravam do espaço da avenida, envolvendo a rotina em suas escolas e das manifestações que aconteciam lá.

Sim. A avenida me relembra a vida de vestibulanda, desde a manhã tranquila, ventilada e arborizada do canteiro central, passagem de travessia, e o meio dia agitado dos estudantes e trabalhadores retornando as suas casas e se deslocando para resolver seus interesses pessoais, respectivamente. (Entrevista Google Forms, 2021)

Caminhar por ela pra voltar pra casa. A sombra e o vento de sentar nos banquinhos pra conversar ou lanchar sozinha enquanto eu lia. (Entrevista Google Forms, 2021)

Dias de escola. Todos os dias descia na Avenida para entrar no colégio, e quando acabava a aula ia almoçar pelos restaurantes ou padarias ali por perto, sempre seguindo pela avenida. Quando queria ir para qualquer local a pé com os amigos, saindo do colégio, a Frei Serafim sempre fazia parte da rota. Após as provas, de noitinha, quando queria espairecer, saía caminhando pela divisão da avenida. Ao entrar na Frei Serafim, minha primeira lembrança sempre é o tempo de escola. (Entrevista Google Forms, 2021)

Sim, várias. Vou citar apenas uma. Geralmente as manifestações que ocorrem na cidade finalizam na Av. Frei Serafim. É lindo de se ver aquela praça lotada de gente que luta por algo. (Entrevista Google Forms, 2021)

Com as entrevistas, notou-se também que muitas pessoas associam a Avenida a movimento e trânsito, enquanto outras lembram de sua tranquilidade e calma. Isso foi percebido que depende muito do dia e horário que tais pessoas passeiam pelo local. Além disso, 100% das pessoas entrevistadas concordaram que a Avenida é de grande relevância para a cidade, como pode ser observado nos relatos a seguir:

Uma importância histórica (por ser um dos marcos iniciais da cidade e palco de eventos importantes), patrimonial (por abrigar elementos construídos e naturais de importância identitária pra cidade) e geográfica (por ser uma das vias principais de deslocamento no Centro e entre bairros). (Entrevista Google Forms, 2021)

Sim, é um espaço urbano e patrimonial de grande relevância por sua arquitetura, história, função urbana, por ser espaço de relações sociais e afetivas. (Entrevista Google Forms, 2021)

Moro fora já fazem 7 anos e é indescritível a sensação que tenho quando estou na frei serafim, é uma sensação enorme de aconchego, me sinto em casa. (Entrevista Google Forms, 2021)

É espaço tensionador. Todas as linhas de ônibus passam pela via, todos os grupos sociais do município frequentam em algum momento. Território de disputa constante. (Entrevista Google Forms, 2021)

Portanto, os relatos apresentados evidenciam a relevância da Avenida Frei Serafim, tomando como contexto a memória e identidade, enaltecendo a sensação de pertencimento de uma população, tais descrições também demonstram o valor desse espaço ser considerado um patrimônio urbano para a cidade por seu contexto histórico e político.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu constatar que a Avenida Frei Serafim é considerada um símbolo da cidade de Teresina-PI, representando boa parte da memória dos moradores ou ex-moradores da capital. Percebeu-se uma relação existente entre o local e as pessoas, resgatando lembranças quer seja por seus trajetos no dia a dia ou por gostarem de caminhar pelo passeio arborizado, seja por manifestações políticas e sociais, por lembrarem da infância/ adolescência ou até mesmo por associar a avenida a um local caótico devido à grande movimentação do trânsito na região.

Apesar de sua relevância para a urbe, ainda falta reconhecimento da sociedade desse espaço como um patrimônio. Esse desconhecimento ocorre, principalmente, pela falta de compreensão do termo patrimônio, já que muitos concordam sobre a importância da avenida. Assim, para que haja um maior entendimento do que significa um patrimônio e o que a preservação do mesmo proporciona a cidade são necessárias práticas de educação patrimonial e urbana.

Ao mesmo tempo, intervenções que intencionam o desenvolvimento da cidade, atuam de forma antagônica ao processo de preservação da avenida, assim, os gestores públicos que deveriam atuar na conscientização e educação patrimonial da população são justamente, os que propõem essas atrocidades (RODRIGUES, 2020).

Em suma, a pesquisa mostrou a existência de uma conexão entre o cidadão e a avenida, resgatando memórias e um sentimento de pertencimento com o local e que enquanto patrimônio cultural urbano necessita de um plano de preservação para que continue sendo espaço de trocas e gerador de lembranças.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.html >. Acesso em: julho, 2021.
- CARDOSO, Luciene Brito. **Paisagem cultural do Centro de Teresina/PI: significados dos seus elementos morfológicos**. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

CARVALHO, Rômulo et al. Patrimônio e paisagem em Teresina: ações através da educação patrimonial. In: **VI Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Bogotá, junio 2014**. Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2014.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas. **Fórum do Patrimônio: ambiente construído e participação sustentável**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2007.

CHAUI, Marilena. **A memória**. In: _____. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. cap. 3, p. 138-142.

DA SILVA NETO, Walber Angeline; MARTINS, Tiago Leal Catunda. **CIDADES SÃO PESSOAS: o espaço público como garantia constitucional do cidadão**. Revista Ciência & Saberes-UniFacema, v. 2, n. 4, 2017.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **As máscaras da cidade**. Revista USP, n. 5, p. 3-10, São Paulo, EDUSP, 1990. (Dossiê Cidades).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

HENTSCHKE, Roberta Ribeiro. **Caminhante: espaço urbano, espaço digital e suas relações**. 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

LYNCH, K. (1997). **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes. 1991.

MATOS, Matias Augusto de Oliveira. **Avenida Frei Serafim: lembranças de um tempo que não acaba**/ Matias Augusto de Oliveira Matos. - Teresina: W LAGE - Alínea Publicações Editora - 2ª ed. - 2017.

MIRANDA, Amanda et al. Da estrada carroçável ao boulevard: a Avenida Frei Serafim como principal eixo viário da cidade de Teresina, Piauí, Brasil. In: PNUM – REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA, 5, 2016, Guimarães. **Anais Eletrônicos**. Portugal: Guimarães, 2016. p. 1169 – 1178. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350055473_Da_estrada_carrocavel_ao_boulevard_a_Avenida_Frei_Serafim_como_principal_eixo_viario_da_cidade_de_Teresina_Piaui_Brasil. Acesso em: julho, 2021

MIRANDA, Amanda et al. Análise do sistema de praças do centro urbano de Teresina-PI. In: Colóquio QUAPA-SEL, 10, 2015, Brasília. **Anais Eletrônicos**. Brasil: Brasília, 2015. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/artigos-de-coloquio/>. Acesso em: julho, 2021

MOTTA, Lia. **Patrimônio urbano e memória social: práticas discursivas e seletivas de preservação cultural 1975 a 1990**. 2000. Dissertação de Mestrado.

NASCIMENTO A (2002) **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)**, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução Yara Aun Houry. São Paulo: Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 158, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RODRIGUES, Ísis Meireles; DE LIMA, Ana Cristina Gomes. **Preservação x intervenção urbana: o caso da avenida Frei Serafim**. Revista Diálogos Acadêmicos, v. 8, n. 1, 2020.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. Preservação do patrimônio urbano e direito à cidade: Intersecções e desvios. **The Overarching of the European Space: Society, Economy and Heritage in a Scenario**. Porto: FLUP, p. 289-300, 2017.

VILHENA, Gustavo Henrique Ramos de. **Os fazedores de cidade: uma história da mudança da capital no Piauí (1800-1852)** / Gustavo Henrique Ramos de Vilhena. – 2016.